

## Introdução

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Introdução. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 13-16. ISBN: 978-65-5714-304-9. <https://doi.org/10.7476/9786557143049.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# INTRODUÇÃO

Quando se procura definir de maneira precisa o fascismo, é inevitável encontrarmos uma pluralidade de definições, dada a variedade de regimes políticos e contextos sociais que podem ser abarcados por essa denominação. Apesar da complexidade inerente ao tema, a consulta a um dicionário especializado de ciência política permite circunscrever os diversos acontecimentos históricos considerados como manifestações do fascismo a algumas características comuns: regime político de partido único; culto personalizado a um líder; desprezo do individualismo liberal; oposição ao socialismo e ao comunismo; imperialismo; mobilização das massas; emprego da violência e do terror contra opositores políticos; manipulação da opinião pública pelo uso da propaganda; dirigismo estatal da economia; totalitarismo político (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998). Embora tais características sejam comuns a diversas manifestações históricas do fascismo, elas representam uma classificação técnica que não é suficiente para explicar como é possível que o fenômeno totalitário possa emergir em diferentes contextos históricos e seja compatível inclusive com regimes institucionalmente

democráticos, como os de governos recentes nos Estados Unidos e no Brasil.

Em relação a esses dois casos específicos, é preciso analisar o fascismo pelo viés da vulnerabilidade emocional do cidadão comum a ideologias segregadoras que se tornaram compatíveis com a vigência de regimes políticos democráticos. Nesse sentido, é relevante considerar que a retórica agressiva propagada pelos líderes fascistas, em diversos contextos históricos, não seria eficiente se não pudesse contar com a cumplicidade das massas em se manter na condição de servidão voluntária. Quando se considera o fascismo em sua relação orgânica com as demandas emocionais de uma grande parte das populações governadas, seja em ditaduras políticas, seja em regimes democráticos, a análise crítica realizada pelo filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno, nos Estados Unidos, na década de 1940, torna-se o mais importante instrumento teórico para a compreensão do fenômeno. Por esse motivo, o conjunto desta obra ora apresentada ao leitor estará em grande parte fundamentada na análise de Adorno, pois ela possibilita entender com clareza a adesão a pautas segregadoras e agressivas do fascismo em sociedades modernas e esclarecidas, nas quais seria razoável supor a existência de certa imunidade ética à barbárie.

A partir da abordagem de Adorno, é possível compreender a vulnerabilidade emocional de pessoas comuns em sociedades democráticas a apelos retóricos fortemente preconceituosos e agressivos em relação a populações negras, homossexuais, prostitutas, imigrantes, indígenas etc. Para tal entendimento, Adorno emprega categorias teóricas da psicanálise freudiana, em especial os conceitos de *unheimlich* e de narcisismo das pequenas diferenças. O emprego desses conceitos possibilita entender o caráter acentuadamente projetivo da discriminação fascista. Em outras palavras, o ódio dirigido pelo fascista ao Outro – a todo aquele que é

excluído dos padrões de normalidade da sociedade burguesa – não tem nenhuma relação com a vítima, pois é reflexo de um conjunto de desejos reprimidos e frustrações pessoais que o agente do preconceito deseja expulsar de si mesmo como sinal de estranheza, impotência e impureza. A mola propulsora do fascismo consiste em tudo o que parece estranho, porém ao mesmo tempo familiar ao sujeito, mas que se torna incompatível com os padrões hegemônicos de moralidade da sociedade burguesa.

Ao empregar a teoria de Freud para estudar o fascismo, Adorno ressaltou que os fatores estruturais explicativos desse tipo de barbárie não se restringem aos aspectos emocionais, pois as necessidades projetivas em si mesmas refletem condições de reificação social, que tornam as subjetividades coisificadas. Uma consciência coisificada é aquela capaz de destituir as pessoas em geral – e antes de mais nada a si mesma – de qualidades autenticamente humanas, tornando-se fria, apática e insensível ao sofrimento alheio. O Outro é reduzido a mera coisa, suscetível de todo tipo de manipulação e desprezo, em virtude da incapacidade do próprio sujeito de realizar experiências sensíveis com o mundo. O processo de coisificação social, segundo Adorno, é determinado pela base material da sociedade, sendo o resultado objetivo da hegemonia do valor de troca e do trabalho abstrato na sociedade capitalista. Adorno (1995b, p.160) é bem claro acerca da importância primária dos fatores materiais sobre a subjetividade: “nunca duvidamos da primazia dos fatores objetivos sobre os psicológicos”. A esse respeito, o emprego adorniano do conceito de reificação, originariamente proposto pelo filósofo materialista húngaro György Lukács, explicita a tese de que o fetichismo da mercadoria interfere decisivamente na configuração da subjetividade, tornando os seres humanos muito mais frios e indiferentes do que precisariam ser para viver em sociedade.

Embora a análise crítica de Adorno sobre o fascismo seja metodologicamente fundamentada no materialismo dialético, é a própria dimensão trágica do fascismo – em especial o genocídio nazista contra o povo judeu – que obriga a interrogar como é possível tanta crueldade e frieza entre humanos em sociedades que são herdeiras do Iluminismo. Dessa forma, quando consideramos a crueldade sem limites do nazifascismo, e de diversas outras manifestações análogas de barbárie, torna-se cabível indagar se tamanha apatia e frieza pode ser explicada primordialmente a partir das determinações materiais da sociedade de classes. Assim, é relevante pensar que a coisificação do espírito pode ser entendida como finitude que aponta para além de si mesma, tornando necessário um olhar capaz de considerar a catástrofe humana personificada pelo fascismo a partir do conceito filosófico de mal metafísico. Por esse motivo, na presente obra, o fascismo será pensado sob as diversas dimensões propostas pelo filósofo e sociólogo Adorno, porém o horizonte de reflexão aqui adotado não estará restrito aos parâmetros materialistas, remetendo-se a horizontes metafísicos concentrados no idealismo de Hegel.

O objetivo maior destas dez lições está em situar o fascismo em suas diversas implicações na sociedade atual, desde os aspectos psicológicos, religiosos, culturais, educacionais e filosóficos envolvidos nos preconceitos e na agressividade veiculados pelos sujeitos do fascismo, até a sua dimensão mais sinistra, de mal radical que se dirige da maneira mais primária e arcaica possível contra a vida em si mesma. A partir de horizontes teóricos que ultrapassam as referências materialistas, o que se pretende é estimular o leitor a pensar o fascismo como manifestação de barbárie que aponta para além de si mesma, remetendo ao dilaceramento espiritual do ser humano em sua experiência de finitude.